caçadores e coletores

Começamos a contar a história do trabalho no Brasil considerando-o indissociável à manutenção da vida. O trabalho entre os povos originários do Brasil possui um sentido diferente daquele presente na mentalidade capitalista, quer dos dias atuais, quer dos primórdios da colonização do Brasil.

Para compreendermos melhor o significado do trabalho para esses povos, temos de considerar toda a sua **complexidade cultural**. Primeiro é importante ressaltar que existe uma diversidade enorme entre os povos indígenas do Brasil. Por isso, referimo-nos a esses povos sempre no plural, principalmente com o objetivo de destacar as diferenças que existem entre eles no que diz **respeito à língua**, aos credos religiosos, à forma de caçar, de pescar, de coletar ou de produzir alimentos, de construir cabanas, ocas, canoas, utensílios domésticos, armas etc.

Contudo, sem perder de vista o leque de diversidade entre os indígenas brasileiros, podemos dizer que originariamente os índios adotaram uma forma de convivência harmônica e em sintonia com a natureza, extraindo de maneira sustentável os insumos necessários ao provimento da vida. Em geral, os índios carregam o princípio de que se respeitarem o ambiente onde vivem, terão garantido o fornecimento dos meios indispensáveis à reprodução da espécie.

Ao longo de alguns séculos, determinados setores da sociedade brasileira construíram a ideia de que o índio era "preguiçoso" em razão de este não se dedicar ao trabalho como o "homem branco" gostaria que ele se dedicasse. No entanto, temos que considerar que o "homem branco" vê no trabalho uma maneira de acumular riquezas, de obter lucros. Já os índios não têm a mesma preocupação. Para estes o trabalho tem a função de garantir apenas o sustento, visto que os indígenas não almejam ficar ricos ou deixar bens materiais para seus filhos. Além disso, acreditam que a mesma natureza que sustentou as gerações passadas, se bem cuidada, irá sustentar as gerações do presente e do futuro.

Em razão da forma singular dos povos originários se relacionarem com o trabalho, acreditou-se durante muito tempo que os índios fossem atrasados em termos tecnológicos, o que não se configura, haja vista as ferramentas de trabalho (machados e facas de pedra, arcos, flechas, canoas), os utensílios domésticos (peças de cerâmica, cestos, redes, esteiras), os instrumentos musicais e a arte indígena em geral; além do desenvolvimento da agricultura que permitia o cultivo de mandioca, milho, amendoim, feijão, batata-doce, cará etc.

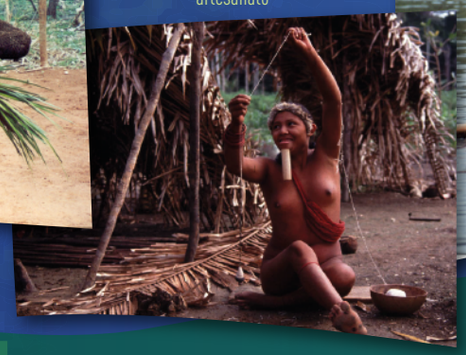
No que tange à **divisão do trabalho** entre os indígenas, grosso modo, predominou a divisão do trabalho por sexo e idade, com os homens se dedicando à realização das tarefas que exigiam maior esforço físico, como a caça, a pesca, o corte de lenha, a construção de armas, de embarcações etc, e as mulheres das tarefas domésticas, do plantio, da colheita, da fabricação de peças de cerâmica, de redes e do preparo da farinha etc. Ao finalizarem as tarefas necessárias ao sustento de cada dia, os índios se dedicavam a outras atividades prazerosas, como por exemplo, tomar banho de rio, ou, simplesmente, descansar em suas redes.

Historiadores afirmam que antes da chegada dos europeus à América havia aproximadamente 100 milhões de índios no continente. Só em território brasileiro, este número chegava a cinco milhões de nativos, aproximadamente. Os índios brasileiros estavam divididos em tribos, de acordo com o tronco linguístico ao qual pertenciam: tupi-guaranis (região do litoral), macro-jê ou tapuias (região do Planalto Central), aruaques (Amazônia) e caraíbas (Amazônia).

O primeiro contato entre índios e portugueses em 1500 foi de muita estranheza para ambas as partes. As duas culturas eram muito diferentes e pertenciam a mundos completamente distintos. Sabemos muito sobre os índios que viviam naquela época, graças à Carta de Pero Vaz de Caminha (escrivão da expedição de Pedro Álvares Cabral) e também aos documentos deixados pelos padres jesuítas.



agricultura



artesanato



pesca